

Damos a público o novo número da Revista *Matraga*, festejando o fato de ser um número dedicado à poesia. A partir da ementa sugerida – “Poesia na contemporaneidade: vertentes, confluências, formas e crítica” – as diferentes reflexões aqui coletadas, nos artigos, contribuições de fora e depoimentos, apontam para um desejo de examinar a complexidade das relações da poesia na contemporaneidade – tanto em seu caráter material e temporal, como em seu caráter de conjunto de questões a serem enfrentadas de uma perspectiva crítica, como pensou Foucault ao conceber a noção da modernidade como “atitude” em seu “Qu’est-ce que les Lumières?”.

“Poesia Cou Coupé”, de Marcos Siscar, cujo título deriva de um verso “Soleil cou coupé”, do poema “Zone”, de Apollinaire, reflete sobre a possível inscrição da poesia na modernidade enquanto relação paradoxal dessa arte com a história, investigando imagens de sacrifício em poemas da tradição moderna. Poeta e crítico, Siscar usa referências que vão de encontro à facilitação poética dos últimos tempos. Ao reler Mallarmé, o autor discute “a crise de verso”, como algo que seria da ordem de uma saída do verso, para, segundo Siscar, pensar a instalação da crise no verso como metonímia da poesia. Ou seja, como instauração da crise no cerne da própria linguagem, no lugar de se pensar meramente em termos de uma ultrapassagem do verso. A partir disso, o artigo se refere aos jogos de forças que misturam o chamado esteticismo mallarmaico ao gesto incitador da criação de comunidade, gesto, portanto, não “apartado do sentimento de realidade”. A poesia em crise configura a desapareição elocutória do sujeito, a partir de um rito sacrificial do “eu”, sacrifício do poeta, propiciando a sua contínua reinvenção, por meio da leitura instauradora de diálogo com o leitor, ativação da “necessidade do presente”.

Em “Fiama Hasse Pais Brandão: Dizer Adeus aos ‘Negócios Públicos’”, Jorge Fernandes da Silveira conduz a reflexão sobre o papel ético e político do poeta, do intelectual, na esteira do pensamento de Edward

Said. Este papel seria aquele de “não dizer adeus aos negócios públicos”, de resistir ao dismantelamento de certo humanismo¹ responsável pelo bem coletivo e de estar na contracorrente dos negócios públicos do Humanismo, quando estes negócios aderem à ideologia da “vã cobiça”. Neste caso, Fiamma é poeta que mantém acesas as lutas “contra o desaparecimento do passado” e pela construção “de campos de coexistência em lugar de campos de batalha” (SAID, 2007), optando em seus poemas pela linguagem da paz (minúscula e comunitária) comum, contra a da Paz (no sentido ideológico dos discursos da ordem internacional capitalista). Fernandes da Silveira analisa a complexidade política dessas tensões do humanismo, concentradas no belo verso, mote do também político e poético texto de Jorge: “O Tejo é um rio controverso”.

O modernismo brasileiro é revisitado por Raúl Antelo e por Masé Lemos, em searas bastante distintas.

Antelo, em “A segunda impotência: Jacques Edwards”, reativa a leitura da modernidade brasileira ao se dedicar à passagem de Joaquín Edwards Bello, poeta chileno, pelo Rio de Janeiro, e cujo livro *Metamorfosis* recupera pontos de intercessão, via movimento Dada, com nossa vanguarda política e estética na figura de Oswald de Andrade. Segundo Antelo, Edwards faz da ótica Dada um operador de “afinidade com a alteridade absoluta”, interroga “a identidade nacional herdada e aponta para um *pas au-delà*, no próprio devir atlântico mestiço [...]” para dar voz ao irrepresentável: a Demóstenes Bonaparte, “moleque do diabo”, a João Candido, o “Almirante Negro”, “glória inglória”, figurando todos esses como outras figuras de si mesmo, num movimento crítico de incorporação da alteridade silenciada.

Masé Lemos, por sua vez, propõe, em “À procura de um novo lirismo: Mário de Andrade”, a reavaliação da noção de lirismo na poesia de Mário, muitas vezes confinada, pela crítica, a um psicologismo empobrecedor, que se negou a levar em conta os aspectos construtivos e críticos da voz lírica que o poeta se esforçava por criar. Examinando textos andradinos, assim como leituras feitas por Mário dos poetas Apollinaire e Paul Dermée, a autora revê o empenho de nosso grande modernista na busca de uma expressão lírica que se quer sempre crítica e consciente, de acordo com o que o poeta entendia como a “missão social” da poesia.

Outras provocações à poesia para que participe de sua contemporaneidade são os diálogos, agenciamentos, tensões e contaminações que estabelece com demais linguagens artísticas e com suportes além-escrita, e isso vale tanto do ponto de vista da fatura e circulação do texto poético como do ponto de vista das reflexões sobre poesia. Nesse contexto, inscrevem-se os textos de Deise Quintiliano, Marcus Motta e Cláudia Neiva de Matos.

Quintiliano, em “Metapoesia pictórica: Baudelacroix”, analisa a figura híbrida, criada por Claude Roy, que designa a fusão do poeta Charles Baudelaire com o pintor Eugène Delacroix, como ponto de partida para investigar a colaboração entre texto poético e imagem na obra dos dois artistas.

Motta, por sua vez, em “A frase e a garrafa: um poema de Álvaro de Campos”, propõe a aproximação entre um poema composto de um único verso e uma obra do artista plástico Waltercio Caldas, “Garrafas com rolha”. O poema, dobrado sobre si, corre o risco de ser quase indevassável. O verso de Álvaro de Campos redimensiona o lugar da poesia como sendo da prosa, mas da prosa que nega o seu destino de comércio comunicativo. Trata-se da prosa ameaçadora, prosa de um verso, dedo no gatilho, na alça de mira, que pode fazer explodir uma bomba. O poema de antemão se produz como lixo, com a “bela indiferença” ao comércio simbólico. Gesto suicida cuja imagem, como num espelho invertido, não se diferencia do objeto absolutamente prosaico – uma garrafa com rolha.

Cláudia Matos, autora de “Vanguardas poéticas e tecnologias sonoras: *Poesia é risco*”, percorre, para chegar a seu objeto de análise propriamente dito – poemas verbivocovisuais de Augusto de Campos, oralizados no CD *Poesia é risco* –, todo o caminho das relações entre poesia e voz desde as vanguardas do início do século XX até o presente. Dialogando com teóricos como Paul Zumthor e Philadelpho Menezes, Matos aponta para o que chama de uma demanda do poema pela voz, e não se furta a investigá-la no âmbito de experiências tais como as da poesia fonética, poesia sonora e poesia concreta.

Em harmonia com os vários textos da revista, que refletem sobre o alcance ético, estético e político da poesia, encontram-se as contribuições de dois dos mais importantes poetas e críticos franceses da atualidade.

O termo *ecologia*, tomado de forma radical por Michel Deguy, atribui caráter contemporâneo ao pensamento da poesia. Conciliar o cultural com a nova questão da resiliência, ou seja, com a resistência à perda da tradição transmitida, mas com abertura ao novo, à transformação, seria o fenômeno em curso. Neste sentido, a radicalidade desse tipo de ecologia não se afina apenas com despoluir o meio ambiente, extraindo do posicionamento da poesia uma exigência radical de resistência à destruição e uma exigência de invenção de novos modos de habitar o pensamento, a filosofia e a arte, como contribuição à abertura para “habitação” do mundo.

Ainda na chave da junção entre pensamento poético e engajamento político, Jean-Marie Gleize, no díptico “La post-poésie: un travail d’investigation-élucidation” composto das partes “D’une affirmation négative” e “Obscurément”, discorre sobre dois modos contemporâneos de o poeta se colocar na contramão da ordem global e do desgaste da palavra, fazendo da poesia uma estratégia de “economia minoritária”. Os dois modos seriam o da militância utópica dos anos 70 (quando reinava a utopia “changer le monde”) que optou por um ataque à língua (“la violangue”) e, o outro, o da afirmação negativa dos discursos contemporâneos, quando, por meio das montagens, citações, recontextualizações, o poeta toma deles uma distância irônica como modo de envenenamento dos mesmos. Em decorrência, o poema se inscreve num circuito de certa ilegibilidade, resultante daquilo que não se diz, que não se sabe como dizer, aquilo que se recusa à fácil digestão, decifração, resultando num conjunto de “signes troubles”.

Optamos também, nesta edição, por abrir espaços para a voz viva dos poetas e da crítica. Nesse sentido, incluímos o dossiê da “Mesa de Poetas”, evento que reuniu poetas representativos de diferentes gerações: Chacal, Ângela Melim, Michel Melamed e Laura Erber. O evento ocorreu em dezembro de 2009, no saguão do teatro Noel Rosa, na UERJ, com apoio do Departamento Cultural. Consta ainda a entrevista feita com a crítica de cultura e antologista das últimas gerações de poetas, Heloisa Buarque de Holanda, que trouxe à cena a relação inusitada e saborosa entre Raul Bopp e Joaquim Cardozo, bem como um diagnóstico sobre poesia na rede e poesia no livro. Para finalizar, o importante depoimento da crítica e professora Célia Pedrosa sobre a pedagogia da leitura de poesia numa perspectiva que interessa à reflexão mais atual.

Esperamos, portanto, que os leitores desta *Matraga* aproveitem esse recorte das questões relativas ao tema. Desculpamo-nos pelas ausências sentidas; nosso objetivo foi a abertura para outros espaços-tempos dedicados à reflexão e à fruição da poesia. E esse trabalho será dos leitores, no futuro.

Ana Chiara
Fernanda Medeiros

NOTA

¹ O emprego do h minúsculo é usado para diferenciar de Humanismo como corrente filosófica doutrinária. (Nota das apresentadoras)